


A RELAÇÃO ENTRE EXÍLIO E O FORA NAS MISSIVAS DE CLARICE LISPECTOR

THE RELATIONSHIP BETWEEN EXILE AND OUTSIDE IN CLARICE LISPECTOR'S MISSIVES

Ana Claudia ANDRUCHIW*

 <https://orcid.org/0009-0009-1888-934X>
UEPG

Flavia Neves FERREIRA**

 <https://orcid.org/0000-0003-0542-8674>
UEM

Recebido em 30/07/23. Aceito em 01/10/23

Resumo: Esse escrito teve como objetivo explorar alguns excertos das correspondências pessoais de Clarice Lispector mantidas com suas irmãs durante os anos em que viveu fora do Brasil (1944 e 1959); tendo como fundamento para tal análise a questão do exílio. A temática do exílio foi direcionada no sentido de um ‘estar fora’, seja no significado de desenraizamento territorial como também condição própria da existência. Para tanto, utilizamos das cartas organizadas no livro *Minhas Queridas*, compiladas pela biógrafa Tereza Montero, além disso, recorreremos dos aportes teóricos de Edward Said e Jean-Luc Nancy. Entendemos que pensar o exílio em Clarice é pensá-lo como algo próprio, não como propriedade, ou seja, como abertura para o mundo, como proximidade na distância. Dessa forma, a experiência pessoal de Clarice e a experiência de escritora, testemunha a linguagem e a existência como estrangeira e, ao mesmo tempo, como abertura do ser-no-mundo, que significa movimento de ser. Com isso, o ‘estar fora’ além de atravessar os discursos, ele também pode ser considerado uma ‘rede produtiva’ não somente para a vida pessoal da escritora, mas para a riqueza do contexto da sua literatura.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Exílio. Missivas.

Abstract: This essay aimed to explore some excerpts from Clarice Lispector’s personal correspondence with her sisters during the years she lived outside Brazil (1944 and 1959); based

* Possui graduação em Letras (Português/ Espanhol) e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2015); especialização, lato sensu, em Ensino de Filosofia no Ensino Médio pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2018). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG.

** Psicóloga Clínica, professora colaboradora da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e docente do Centro Universitário Cidade Verde. É especialista em Logoterapia e Análise Existencial e em Psicopatologia Fenomenológica. Mestra em Filosofia pela PUC-PR e doutora em Psicologia pela UNESP- Assis.

on the question of exile. The theme of exile was directed towards ‘being outside’, either in terms of territorial uprooting or as a condition of existence. For that, we used the letters organized in the book *Minhas Queridas* (2007), compiled by the biographer Tereza Montero, in addition, we resorted to the theoretical contributions of Edward Said and Jean-Luc Nancy. We understand that to think of exile in Clarice is to think of it as one’s own, not as a property, but as an opening to the world, as proximity in the distance; Clarice’s personal experience and experience as a writer testify to language and existence as a foreigner and, at the same time, as an opening of being-in-the-world, which means movement of being. With that, the ‘being outside’ in addition to crossing the speeches, it can also be considered a ‘productive network’ not only for the writer’s personal life, but for the richness of the context of her literature.

Keywords: Clarice Lispector. Exile. Missives.

Considerações iniciais

A partir da investigação das missivas particulares de Clarice Lispector, esse artigo pretende evidenciar o momento significativo do início da carreira da escritora vivido na experiência do exílio. Portanto, buscaremos explorar alguns excertos das correspondências pessoais de Clarice Lispector mantidas com suas irmãs durante os anos em que viveu fora do Brasil (1944 e 1959); tendo como fundamento para tal análise a questão do exílio.

Tomaremos a temática do exílio no sentido de um ‘estar fora’, seja no significado de desenraizamento territorial como também condição própria da existência. Entendemos que o “estar fora” no que se refere à condição exílica, surge, pois, como uma questão nas produções literárias, não só como temática, mas também como um reflexo de outras questões que passam pela própria subjetividade do escritor. Desse modo, a escrita epistolar não representa apenas o detalhamento autobiográfico, mas revelam como os exercícios de subjetivação do ofício literário operam-se.

A proposta desse escrito parte de breves excertos oriundos das cartas organizadas no livro *Minhas Queridas* (2007), compiladas pela biógrafa Tereza Montero; de maneira mais específica, a escolha para a análise das missivas compreenderá os anos de 1946 a 1949, período em que a escritora viveu em Berna na Suíça. Além disso, utilizaremos os aportes teóricos de Edward Said e Jean-Luc Nancy.

O conteúdo das cartas, especialmente durante os três anos em que estabeleceu residência em Berna, na Suíça, revela acentuadamente um indivíduo angustiado por sofrimentos advindos da condição exílica; um sujeito seriamente abalado pelos sentimentos de “desenraizamento” e “desadaptação” que a escritora experienciou. No entanto, a experiência de estranhamento, ou ainda, de despertencimento revela-se, como veremos, para além do exílio territorial da escritora.

O exílio como desenraizamento

Para uma maior compreensão da condição exílica que acompanhou a trajetória de Clarice Lispector, é importante observar o estado de constante trânsito geográfico da escritora até

estabelecer residência fixa no Brasil. Haya Lispector – seu nome de origem – nasceu na Rússia, e após isso, por uma série de fatores como a guerra, perseguição aos judeus, busca por melhores condições de vida, casamento e a aderência à vida diplomática do marido, foi exposta a inúmeras mudanças territoriais.

Desde seu nascimento, é possível traçar a rota migratória percorrida por Clarice, que sucessivamente passou por lugares, tais como: Ucrânia, Maceió (Alagoas), Recife (Pernambuco), Rio de Janeiro, Belém do Pará, Nápoles (Itália), Berna (Suíça), Torquay (Inglaterra), novamente Rio de Janeiro, Chevy Chase – Washington (EUA), e finalmente, após o término de seu casamento que ocorreu aos 39 anos, passou a residir no Rio De Janeiro, onde permaneceu até o falecimento. Ainda, dentro de toda essa trajetória, por conta de eventos diplomáticos e de sua carreira, ela viajou e conheceu diversos lugares e cidades como: Libéria, Dakar (Senegal), Lisboa (Portugal), Casablanca, Marrocos, Argélia, Florença, Roma e Veneza (Itália), Córdoba (Espanha), Egito, Paris, México, Colômbia, entre outros (GOTLIB, 1995).

Vislumbramos, assim, que a vida de Clarice sempre esteve em movimento, mudando-se ou viajando. As situações de deslocamento e da constante exposição à diversidade de culturas são, portanto, marcantes em seu modo de vida e, por conseguinte, aproxima-nos da temática do exílio. A etimologia da palavra “exílio” vem do latim ‘*exsilium*’ ou ‘*exilium*’ significa desterro ou banimento, e deriva de ‘*exsilire*’ que é saltar, lançar para fora, sair.

O exílio é uma questão complexa, pois envolve expatriação forçada ou voluntária, mas também pode estar relacionado ao afastamento do convívio social. Consideramos ainda, o exílio como uma experiência de ‘estar fora’, o ‘fora’ tanto no sentido territorial quanto no movimento do sujeito no mundo enquanto constitutivo da existência. Para o intelectual palestino Edward Said (2003), em *Reflexões sobre o exílio*, o estado “fora do lugar” é uma experiência acessível a todo sujeito. Logo, podemos apartar-se ou estranhar-se diante de nossa história, política, imagem, pensamento sem, necessariamente, estar distante da terra natal. Todavia, podemos também experimentar o estado forasteiro em solo estrangeiro.

De todo modo, o exílio pode resultar em uma vida duplamente alienada: “com relação ao que está longe, mas quer viver, e com relação ao que está perto e tem que viver, mas não quer” (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 172 apud MUNHOZ, 2005). Assim, é possível compreender a noção de que “o exilado insiste ciosamente em seu direito de se recusar a pertencer a outro lugar” (SAID, 2003, p.5).

O fato incontestável é que o exílio atribui a ruptura com um mundo de referências basais, forçando o exilado à inescapável experiência do desenraizamento. Segundo Said (2003), a experiência do exílio acarreta grande sofrimento. Em uma das cartas a escritora mostra-se ciente dos riscos de desequilíbrio interno que corre o exilado (LISPECTOR, 2007, p. 88):

Minha queridinha, [...] aquele rapaz, que está em Genève, está completamente neurastênico. Parece mesmo que acorda de noite para chorar... Não diga a ninguém, naturalmente. Parece que ele vai mesmo para uma casa de saúde. Em parte, deve ser porque ele esteve doente, e isso o deprimiu. Mas acho que em grande parte, isso vem do desenraizamento dessa vida no estrangeiro. Nem todos são bastante fortes para suportar não ter ambiente propriamente, nem amigos. Cada vez mais, admiro papai e outros que, como ele, souberam ter “vida nova”; é preciso ter muita coragem para ter vida nova.

A partir da constatação da nocividade da condição de *desenraizamento* a que se arrisca o estrangeiro, desprovido do suporte de *ambiente próprio e de amigos*, é possível compreender, ao longo da leitura de *Minhas Queridas*, a evidente manutenção da intenção comunicativa que determina quase que completamente o discurso de Clarice ao longo do estudo das 120 cartas que remete as irmãs.

Said (2003) ressalta que os exilados são sempre excêntricos que sentem sua diferença (ao mesmo tempo em que, com frequência, a exploram) como um tipo de orfandade. Dessa forma, Clarice sentia-se ‘fora do lugar’ e desejava estar mais próxima possível de suas irmãs, mesmo que fosse pela ponte feita através das correspondências. Por isso, as cartas também portavam indagações do estado da família, abarcando as preocupações com a saúde, desde o controle de peso ao lazer de “seus queridos”; havia também relatos minuciosos dos lugares que visitava, das leituras que fazia, das peças que assistia, músicas que conhecia e da descrição dos filmes em suas inúmeras idas ao cinema.

Além disso, o conteúdo das cartas sugere, nas entrelinhas, uma busca constante de compensar a perda desorientadora que a vivência no exílio acarreta. Essa tristeza, ou dor irreparável que, nitidamente, acompanha a escritora no exterior, pode ser definida pelo que Said define como ‘terrível de experimentar’; segundo ele, o exílio: “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o seu eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p.46).

Nas cartas de Clarice, é possível observar o crônico esforço de adaptação, física e psicológica a que se sujeita o “cidadão do mundo” ao submeter-se, ou ser submetido, a incontáveis situações de trânsito e manter-se minimamente confortável durante os processos de adequação.

[...] minha vida é um esforço diário de adaptação nesses lugares áridos, áridos porque vocês não estão comigo. [...] Desde então, não tenho cabeça para mais nada, tudo que faço é um esforço, minha apatia é tão grande, passo meses sem olhar sequer meu trabalho, leio mal, faço tudo na ponta dos dedos, sem me misturar a nada. Vai fazer três anos disso, três anos diários[...]. (LISPECTOR, 2007, p. 78)

O teor das correspondências era, de modo geral, permeado de constantes queixas da escritora pela quebra na comunicação com a família. Esse atraso nas respostas das missivas não só enfrentava as dificuldades normais que caracterizava a troca de cartas para a época, mas havia também certa morosidade na escrita das respostas pelas irmãs. Além de tudo, devido ao período de guerra, o envio de correspondências enfrentava maiores complicações, ocasionando por vezes maior atraso e extravio das entregas, intensificando ainda mais a ansiedade da escritora por respostas no exterior. Por consequência, o descontentamento nas esperas, as insistentes súplicas por ser correspondida e os incessantes lamentos apelativos tomavam uma dimensão quase dramática na escrita das missivas.

Vocês nunca experimentaram o que é receber cartas quando se está fora, sobretudo fora como eu, inteiramente fora: pergunta-se sem esperança mas cheia de esperança e quase certeza: há cartas para mim? (LISPECTOR, 2007, p. 59)

Diante disso, o deslocamento do ‘estar fora’ como partida de um lugar para outro, a experiência de deixar o conhecido em direção a algo desconhecido é, antes de tudo, uma experiência de abandono. O estado de abandono remete a experiência do sujeito de sentir-se abandonado pelo outro, essa sensação é relatada por Clarice que, na tentativa de convencer as irmãs da importância na frequência das correspondências, mesclava o discurso com argumentos ora sutis e poéticos:

Minhas saudades têm estado agudas mas dentro de uma névoa - como uma sirene de noite no mar[...]. Mas abrindo a caixa de correio e vendo sua letra - de repente meu coração começou a bater de alegria e eu ouvi a sirene de perto, desfeitas as névoas, sirene de manhã. Fui lendo na rua mesmo, e todo carinho que você me fazia eu bebia rápido-rápido, porque já há muito tempo você não regava esta planta suíça (LISPECTOR, 2007 p.95).

E ora com argumentos pungentes e coléricos:

Preparei, num momento de febre e raiva, uma carta para vocês que felizmente não mandei. Eu avisava que só escreveria muito raramente, que estava cansada de ser o cachorrinho da família. Que durante 4 anos implorou uma notícia para recebê-la apenas depois de 5 ou 6 cartas vazias de vocês (LISPECTOR, 2007 p.96).

A percepção da vulnerabilidade frente aos dissabores da (in)adaptação, e a impotência diante do sentimento de ‘não pertencimento’ são fortemente evidenciados: “Estou considerando Berna como uma prova. Aqui espero ter condições boas e levar uma vida ao máximo inteligente e sadia” (LISPECTOR, 2007, p. 48), no entanto, ao contrário de suas esperanças, Berna foi para ela o ápice do sofrimento, com o passar do tempo a escritora expunha repetidas queixas das dificuldades em manter-se equilibrada e saudável:

[...] Querida, quase quatro anos me transformaram muito. Do momento em que me resignei, perdi toda a vivacidade e todo interesse pelas coisas. Você já viu como um touro castrado se transforma num boi? assim fiquei eu..., em que pese a dura comparação... Para me adatar (sic) ao que era inadatável (sic), para vencer minhas repulsas e meus sonhos, tive que cortar meus aguilhões – cortei em mim a força que poderia fazer mal aos outros e a mim. E com isso cortei também minha força. Espero que você nunca me veja assim resignada, porque é quase repugnante. Espero que no navio que nos leve de volta, só a ideia de ver você e de retomar um pouco minha vida – que não era maravilhosa, mas era uma vida – eu me transforme inteiramente. (LISPECTOR, 2007, p. 93).

Dentro dos lamentos da escritora, fora o estar longe do convívio das irmãs, predomina também em seu discurso o sentimento de debilidade e apatia para escrever; em Berna os sintomas do exílio afetaram distintamente o andamento de sua terceira obra, *A cidade sitiada*, após vinte vezes copiada e refeita, bem como diversos episódios de bloqueios e tentativas de desistência, demorou três anos para ser concluída:

Estou com o livro, por assim dizer, terminado. Deus sabe que ele não vale nada, querida. Creio que nuns dois meses posso dá-lo por encerrado. Acontece que vou encerrá-lo porque já tenho nojo dele. Foi o trabalho que mais me fez sofrer. Já são três anos que viro e mexo, abandono e retorno. [...] Esse livro foi mil vezes copiado, destruído, renascido, sei lá. Um dia desses, pegando numa das cópias mais recentes (bem diferente da de agora) - me deu náusea física à medida que me lembrava de como sofri por cada pedaço daquele e de como depois eu via que não prestava. Tive que não pensar nele durante dias - porque persistia em mim esse curioso nojo da dor. Enfim, querida, o livro não presta. Não evolui nada, não atingi nada. [...] Que Deus me perdoe. Três anos - para chegar a isso. Virei e revirei tanto o livro que já não entendo o seu sentido. Dá vontade de gritar de tanta impotência. Em todo esse período de 3 anos, desempenhou grande papel minha desadaptação. [...] Mas posso dizer que desse período me ficou mesmo uma repugnância de sofrimento, como se tem repugnância de ferida que não cura. Não sei o que fazer com o livro, Tania. E estou lhe pedindo conselho. Não adianta me dizer que devo deixá-lo de lado e revê-lo mais tarde: ele está podre nas minhas mãos, e cada vez mais me afastarei dele. Embora esteja tão ligada a ele, que sou incapaz de começar outra coisa. (LISPECTOR, 2007, p. 87)

No futuro, a escritora ciente que essa obra teria sido um dos seus trabalhos menos apreciados, fala desse livro como sua salvação em Berna, “*A cidade sitiada*, no entanto, relendo-o, pessoas passam a gostar dele; minha gratidão a este livro é enorme: o esforço de escrevê-lo me ocupava, salvava-me daquele silêncio aterrador das ruas de Berna.” (LISPECTOR apud Nina, 2003, p.30). Aqui, o exílio remete não apenas à condição de exilada, mas também ao exílio metafísico ou metafórico, conforme elucidado por Said (2006, p. 61):

Para o intelectual, o exílio nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros. Não podemos voltar a uma condição anterior, e talvez mais estável, de nos sentirmos em casa; e, infelizmente, nunca podemos chegar por completo à nova casa, nos sentir em harmonia com ela ou com a nova situação.

Destarte, é possível notar acerca das considerações de Said (2003) sobre a compreensão dos perigos existentes no conflito de interesses acarretados pela vivência no exílio. Por um lado, o isolamento que resiste à comunidade, por outro, o sentimento de trivialidade transitória da experiência. Nesse sentido, embora o estudioso encontre dificuldades para certificar algum aspecto positivo e potencial da condição exílica, ele compreende que o fato do exilado sobreviver a essa experiência, encontra um equilíbrio entre as diversidades e contrariedades, podendo gerar algo benéfico, como a percepção do mundo em uma visão mais originária.

A elaboração de um estado de angústia oriunda do exílio não se trata de apagar ou esquecer a causa em si, pelo contrário, significa reconhecer essa causa, e, a partir disso, dar-lhe novos contornos e ressignificações. A elaboração da experiência pode ser notavelmente observada através da própria escrita, ou melhor, da potência da escrita de si, tal qual as cartas potencializam a subjetividade de Clarice, seja como pessoa ou escritora da existência em si.

O exílio como abertura do ser

A experiência do ‘estar fora’ é atravessada tanto por um exílio do qual o sujeito encontra-se desterritorializado, desenraizado, ou ainda, fora de sua terra natal; quanto por um exílio enquanto propriedade da existência mesma. Logo, a condição exílica pode estar além e aquém daquela vivida factualmente. Nessa direção, o filósofo francês Jean-Luc Nancy (1996) propõe pensar na relação entre exílio e existência.

Assim, o exílio ultrapassa as ideias de trânsito, desterro, deslocamento e torna-se o movimento da existência mesma em todos os sentidos, ou de exílio como forma-de-vida, de existência. Nancy (1996, p. 116, trad. nossa), em seu texto *La existencia exilada* afirma:

A questão do exílio é, portanto, a questão dessa partida, desse movimento como um movimento sempre começado e que talvez nunca deva terminar. Porém, se o que resta não é o solo, o que resta? De onde parte esse movimento? Segundo o significado dominante, o exílio é um movimento de saída do próprio: fora do lugar próprio (e neste sentido é também, no fundo, o solo, uma certa ideia do solo), fora do próprio ser, fora da propriedade em todos os sentidos e, portanto, fora do próprio lugar como lugar de nascimento, lugar nacional, lugar familiar, lugar da presença do próprio em geral.

Dessa forma, o exílio seria “a condição mesma da existência, e reciprocamente, a existência como a constituição mesma do exílio” (NANCY, 1996, p.35). O autor entende a partícula ‘ex’ da existência como a mesma do exílio; isso não significa uma existência exilada ou um exílio existencial, tampouco, trata-se de estar em ‘exílio dentro de si’, mas de ser um exilado de si mesmo, “o eu como exílio, como abertura e saída, uma saída que não sai do interior de um eu, mas eu que é a saída mesma” (NANCY, 1996, p. 38). Em outras palavras, não se trata de estar em exílio no interior de si mesmo, mas de ‘ser si mesmo’ um exílio: o eu como abertura e saída, no qual o “eu” só tem um lugar depois da saída.

A propriedade da existência como abertura constitui o pano de fundo do primeiro pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger. Conforme elucida Heidegger (2001, p. 41), a partícula Da, o ‘aí’ do *Dasein* é abertura ao ser, na qual o “ser aberto significa clareira [*Lichtung*]”. A própria existência do *Dasein*, portanto, confere caráter de abertura do ser-no-mundo. Heidegger entende a existência como presença, em suma, ela é a constituição ontológica deste ente que nós mesmos somos, que em sua essência é *ekstático*. A palavra existência, etimologicamente, é composta pela preposição ‘*ek*’ que indica um movimento de dentro para fora, ou seja, abertura; advém do verbo ‘*sistere*’ que significa manter-se, pôr-se, erguer-se, logo, é constituição a partir e dentro desta abertura. Assim, *ek-sistindo* o homem é o *aí* (*Da*), isto é, o lugar do ser (*Sein*).

Heidegger (2006, p.159) esclarece tais termos do seguinte modo:

Existindo, o ser-aí é o seu *aí*, i.e., o que é o ser do ser-aí em seu pleno ser (para fora, *ek-sistência*) é o *aí* no qual ele é (se realiza) e a *partir* do qual se torna, de modo que as suas possibilidades se confundem com as do mundo.

Se *ek-sistir* é o estar-fora na abertura do ser, o caráter *ek-estático* da existência consiste na unidade originária do estar-fora-de-si, que retorna-a-si. Na medida em que o *Dasein* é abertura,

ele é dotado de experiências advindas das relações no interior desta abertura de mundo. O *Dasein* é constituído por um movimento expositivo, por uma saída de si, uma dinâmica ek-stática, a qual se presentifica.

Em Clarice, o ‘ex-ílio’ é a própria ‘ex-istência’, onde o ‘ex’ indica ‘sair de’, mas também compõe um conjunto de palavras que significam “ir”. Não há um interior, o “eu” não é de onde se sai, mas a própria saída. O exílio desperta uma tentativa de regresso, uma ânsia de retorno à origem, mas com a consciência de que não existe uma origem, pois originariamente a existência desvela um “nada a ser”. A experiência de “nada a ser” é retratada pela escritora, no período de exílio territorial, como pode ser evidenciada no excerto seguinte:

A pessoa, individualmente, perde tanto de sua importância, vivendo assim, fora, em ócio. A vida começa a parar por dentro, e não se tem mais força de trabalhar ou ler. Só chaleira fervendo é que levanta a tampa. [...] Berna é um túmulo, mesmo para os suíços. [...] O pior é que estou ficando tão embotada: às vezes nem entendo o que leio. Acho que a culpa é da excessiva solidão, e dessa longa tarde de domingo que dura anos. (LISPECTOR, 2007, p. 104)

Todavia, o exílio apreendido como existência mesma revela-se, não somente no período exílico, mas em toda sua obra. É possível observar na Crônica *Pertencer*, publicada originalmente em 1968 no *Jornal do Brasil*, e, posteriormente, publicada na coletânea de crônicas *A descoberta do mundo* (1984) como a vida da escritora revela-se como “estar fora”, no sentido de saída e abertura de si, cuja sensação de não pertencimento remete a própria vida.

A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sôfrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é no deserto mesmo que caminho. (LISPECTOR, 1999, p. 66).

Sendo assim, independente do período do exílio vivenciado por Clarice, o amigo e escritor Antônio Callado revela que o exílio era uma condição internalizada na pessoa da escritora:

Clarice era uma estrangeira. Não porque nasceu na Ucrânia. Criada desde menininha no Brasil, era tão brasileira quanto não importa quem. Clarice era estrangeira na Terra. Dava a impressão de andar no mundo como quem desembarca de noite numa cidade desconhecida onde há greve geral de transportes. Mesmo quando estava contente ela própria, numa reunião qualquer, havia sempre, nela, um afastamento (GOTLIB, 1995, p. 52).

Retomando Nancy (1996, p. 38-39), o exílio então não está em outra parte senão com o corpo, “o corpo é o exílio e o asilo em que algo como um ‘eu’ vem a ser exposto, isto é, a ser”. Clarice como uma exilada possui o seu próprio exílio, e nele predomina uma busca interminável e sempre em trânsito pela subjetividade, que na verdade, nunca se soluciona. Pode-se notar nos trechos suas cartas, a busca incessante pela subjetividade, mas que nunca se alcança, pois não é uma instância estável, permanece em constante movimento, em devir. Essa busca de subjetividade é o diferencial em suas obras, pois o aspecto existencialista a acompanha por toda a sua carreira

literária. Aqui, há uma distinção entre o exílio territorial de Said e o de Nancy, pois, este último aproxima o exílio de uma noção ontológica. Clarice não apenas estava exilada territorialmente, mas estava num exílio que revela a condição originária da existência num sentido de abertura, de movimento que se evidenciado na sua escrita.

Considerações Finais

A partir das cartas de Clarice, procuramos analisar de que forma a sua escrita revela a sua experiência de exilada no sentido territorial e da existência mesma. Inicialmente, utilizamos Said que delineou a questão do exílio territorial, mas também ele nos faz pensar que durante o exílio de Clarice, ela procurava compensar a perda desorientadora de pertencer a um lugar, a todo momento buscava uma raiz. Assim, pode-se dizer que o exílio não está só em nível representacional, mas está no momento que a linguagem está sendo operada. Posteriormente, Nancy amplia o conceito de exílio que ultrapassa o âmbito territorial, ele nos mostra numa perspectiva positiva de que o exílio é a própria condição da existência, da constituição do ser.

Tomando como base a rota migratória de Clarice, percebemos que a fala no exílio se apropria da experiência única de existir naquele momento, utilizando a linguagem das missivas como ferramenta de expressão de sua vivência; evidenciou-se, também, que a autora mantém o tradicional cunho existencialista que carimba suas produções e que vão além do período de exílio territorial. De qualquer forma, a linguagem de Berna, embora à primeira vista tenha suprimido essa característica existencialista, comunica a hibridez dessa linguagem e sua mutabilidade nas variadas situações da existência.

Por meio das correspondências foi possível entender as influências da condição exílica no processo literário, revelando as fragilidades enfrentadas pela escritora e as ferramentas que utilizava para salvaguardar seu meio de sobrevivência que era a escrita. Entendemos que pensar o exílio em Clarice é pensá-lo como próprio, não como propriedade, mas como abertura para o mundo, como proximidade na distância; a experiência pessoal de Clarice e a experiência de escritora, testemunha a linguagem, e a existência, como estrangeira, e ao mesmo tempo, como abertura do ser-no-mundo, que significa movimento de ser. Com isso, o ‘estar fora’ além de atravessar os discursos, ele também pode ser considerado uma ‘rede produtiva’ não somente para a vida pessoal da escritora, mas para a riqueza do contexto da sua literatura nacional, e mundial, inclusive.

Referências

- GOTLIB, Nádía Battella. **Clarice – Uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.
- HEIDEGGER, Martin. **Seminário de Zollikon**. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MONTERO, Teresa. Introdução. In: LISPECTOR, Clarice. **Minhas queridas**, 2007.

MUNHOZ, Solange. Aproximações ao tema do exílio e à experiência de escritores argentinos e brasileiros. **Revista de Letras**, São Paulo, 45 (2), 2005, p. 59 – 80.

NANCY, Jean-Luc. “**La existencia exilada**”. In: Archipiélago. Madrid: Arco. n. 26-27, inverno 1996.

NINA, Claudia. **A palavra usurpada: exílio e nomadismo na obra de Clarice Lispector**. Coleção Memória das Letras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SAID, Edward. W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

Said, Edward. **Representações do intelectual**: as conferências do Reith de 1993. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2006.